

Na rota prevista *Glenn Brand*

Mais uma vez a economia desmente os economistas. No final do ano passado, a opinião dominante entre eles, e mesmo entre o empresariado, era a de que nos primeiros meses de 1996 a economia teria um desempenho muito ruim, com a redução da produção — alguns falaram em queda de até 12% — e das vendas do comércio. Os mais moderados previam a retomada do crescimento só no segundo semestre, numa velocidade suficiente para compensar as perdas da primeira metade do ano. Mas a economia, ao contrário do que previram os economistas, não se lançou numa montanha-russa. O ano começou com as máquinas funcionando em ritmo bastante acelerado.

A indústria de papel e papelão, segmento que retrata com grande sensibilidade o desempenho de outros setores da indústria, pois a eles fornece as embalagens nas quais os produtos saem das fábricas, vem recebendo grande número de encomendas. Estas vêm basicamente das indústrias de alimentação, de artigos de limpeza e de higiene pessoal.

Em entrevista ao jornalista Nilton Horita, do **Grupo Estado**, o diretor de planejamento do Banco Central, Francisco Lopes, explicou que a política monetária colocada em prática no segundo semestre do ano passado — baseada na liberação dos compulsórios, no alívio do crediário e na redução gradual dos juros — destinou-se a “promover uma aterrissagem suave do ritmo de 10% de crescimento para 4%”. A economia está nessa rota.

Muita gente, durante boa parte do segundo semestre do ano passado, menosprezou a ação do Banco Central de alívio gradual da política monetária. Hoje já está claro que, embora ainda continuem muito altos, os juros caíram bastante. Em junho do ano passado, segundo dados do economista do Ipea Paulo Levy, os juros nominais estavam em 4,1%. Passaram para 4% em julho e 2,7% em dezembro. Em termos reais, os juros

baixaram de 30% ao ano para 20%. Esse alívio impediu a queda brusca da atividade econômica.

Tem-se falado muito em desemprego, que pode mesmo estar sendo forte em alguns segmentos da indústria, mas boa parte da mão-de-obra demitida pelas fábricas acaba encontrando alguma atividade no setor de serviços ou no mercado informal, de modo que a renda dos trabalhadores não apresenta uma evolução tão preocupante quanto a do emprego industrial. Isso também explica o bom desempenho da economia no início do ano.

É claro que, em muitos setores da economia, talvez na maioria, o desempenho neste mês será pior do que o de janeiro do ano passado. O comércio, por exemplo, está prevendo uma queda de faturamento de 7% a 8% em relação a janeiro de 1995. Isso não significa, porém, que a economia vai mal. De certo modo, é até desejável uma retração em relação ao início do ano passado. Naquela época, o País vivia o auge da euforia de consumo provocada pela brusca queda da inflação. Havia o risco sério de que o excesso de demanda resultasse em pressões muito fortes sobre os preços, razão pela qual o governo adotou medidas drásticas de contenção de crédito, para desestimular o consumo. O objetivo foi atingido e, como observamos, desde o início do segundo semestre de 1995 o Banco Central vem aliviando a política monetária.

Sem o clima de euforia que havia no início do ano passado, a economia funciona como sempre deveria ter funcionado: quando há retração da demanda, reduzem-se preços. É o que está fazendo o comércio atacadista, oferecendo descontos de 2% a 3% aos varejistas, mas obtendo vantagens compensatórias das indústrias fornecedoras. Para uma economia em que, até há pouco, quando havia acordo entre fornecedores e comerciantes era só para transferir o ônus para os consumidores, esta é uma mudança de atitude altamente positiva.